

Elucubrações sobre Educação Física, atividade epistemológica e pluralidade: entrevista com o professor Paulo Evaldo Fensterseifer

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um recorte da entrevista concedida pelo professor Dr. Paulo Evaldo Fensterseifer, cujo eixo central foi a epistemologia da Educação Física brasileira. A entrevista se configura como um conjunto de preleções epistemológicas que expressam, de forma sensível, crítica e reflexiva, sua leitura sobre o desenvolvimento epistemológico da área. São abordados, entre outros temas, os embates dicotômicos entre os grupos vinculados ao giro linguístico e os defensores do resgate de uma ontologia realista; a configuração atual da atividade epistemológica; bem como questões relacionadas à pluralidade e à formação/educação científica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física;
Epistemologia; Atividade epistemológica;
Pluralidade

Silas Alberto Garcia

Mestrado em Educação Física
Universidade Estadual de Goiás,
Departamento de Educação Física
Porangatu, GO, Brasil
silasalberto@ueg.br
<https://orcid.org/0000-0001-9798-8219>

Reflections on Physical Education, epistemological activity, and plurality: an interview with professor Paulo Evaldo Fensterseifer

ABSTRACT

Abstract: This work aims to present an excerpt from the interview granted by Professor Dr. Paulo Evaldo Fensterseifer, whose central theme was the epistemology of Brazilian Physical Education. The interview takes the form of a set of epistemological lectures that express, in a sensitive, critical, and reflective manner, his perspective on the epistemological development of the field. Among the topics addressed are the dichotomous disputes between groups aligned with the linguistic turn and those advocating for the recovery of a realist ontology; the current configuration of epistemological activity; as well as issues related to plurality and scientific education/training.

KEYWORDS: Physical education; Epistemology; Epistemological Activity; Plurality law

Elucubraciones sobre Educación Física, actividad epistemológica y pluralidad: entrevista con el profesor Paulo Evaldo Fensterseifer

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar un recorte de la entrevista concedida por el profesor Dr. Paulo Evaldo Fensterseifer, cuyo eje central fue la epistemología de la Educación Física brasileña. La entrevista se configura como un conjunto de disertaciones epistemológicas que expresan, de manera sensible, crítica y reflexiva, su lectura sobre el desarrollo epistemológico del área. Se abordan, entre otros temas, los enfrentamientos dicotómicos entre los grupos vinculados al giro lingüístico y los defensores de la recuperación de una ontología realista; la configuración actual de la actividad epistemológica; así como cuestiones relacionadas con la pluralidad y la formación/educación científica.

PALABRAS-CLAVE: Educación física; Epistemología; Actividad epistemológica; Pluralidad

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar um recorte da entrevista concedida pelo professor Dr. Paulo Evaldo Fensterseifer, a qual integrou as objetivações de uma dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Goiás (Garcia, 2023). A entrevista foi realizada em 18 de agosto de 2021, às 20h, de forma remota, por meio do aplicativo Google Meet, com duração de 1 hora e 34 minutos. A gravação foi realizada em vídeo pela própria plataforma e, simultaneamente, em áudio por um gravador de voz.

O professor Paulo Evaldo Fensterseifer é um pesquisador que tem contribuído de forma significativa para o desenvolvimento da práxis – teoria e prática – no campo da Educação Física brasileira desde o final da década de 1990. Paulo é graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (1985) e em Filosofia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) (1989). É especialista em Filosofia Política pela UNIJUI (1990) e doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Fensterseifer, 1999). A maior parte de sua trajetória profissional foi desenvolvida na UNIJUI, onde atuou como professor nos níveis de graduação e pós-graduação entre 1990 e 2024. Paulo também atuou como professor convidado na Universidade Estadual de Maringá (2010) e na Universidade Federal de Santa Catarina (2008, 2011 e 2013). Atualmente, é professor aposentado pela UNIJUI.

Ao propugnar uma perspectiva crítica, plural e reflexiva, Fensterseifer coadiuvou para o enriquecimento da atividade epistemológica da Educação Física brasileira. Os aportes da sua produção teórica perpassam diferentes temáticas da área, tais como: formação docente, epistemologia, prática pedagógica, currículo, didática, Educação Física escolar, Filosofia da Educação e da Educação Física, política, linguagem e corpo e cultura. Entre suas principais produções destacam-se as seguintes:

- Livros: “A Educação Física na Crise da Modernidade” e “Dicionário Crítico da Educação Física”.
- Capítulos de livros: “Atividade epistemológica e Educação Física”; Epistemologia e prática pedagógica: cenas de uma união instável”.
- Artigos: “A crise da racionalidade moderna e a Educação Física”; “Entre o "Não Mais" e o "Ainda Não": pensando saídas do não-lugar da EF escolar”; “Epistemologia e Prática Pedagógica”; “Educação Física escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática”; “Linguagem, hermenêutica e atividade epistemológica na Educação Física”, “Educação Física: atividade epistemológica e

objetivismo”; “Educação Física escolar: acerca de uma especificidade que epistemologia nenhuma responde”.

Nas linhas subsequentes, apresenta-se a entrevista com o professor Paulo Evaldo Fensterseifer. Nela, manifesta-se seu olhar sensível, crítico e reflexivo sobre o desenvolvimento epistemológico da área; os embates dicotômicos entre os grupos do giro linguístico e os defensores do resgate de uma ontologia realista; a configuração atual da atividade epistemológica; a pluralidade e a formação/educação científica.

A ENTREVISTA

Entrevistador: Qual a sua síntese sobre o desenvolvimento epistemológico do campo da Educação Física?

Paulo Fensterseifer: A Educação Física, sintetizando o que a pergunta sugere, fez um percurso muito parecido com outros campos do conhecimento que acreditavam resolver seus problemas de identidade com aproximação da ciência. Acreditava-se que pelo viés da científicidade conseguiria garantir sua identidade. É uma discussão que a Educação Física fez, sempre essa ideia da crise de identidade. Acreditava-se que, afirmando o caráter científico da Educação Física, estaria resolvido isso, sairíamos do divã. Mas logo de início, felizmente por conta de alguns opositores, principalmente o professor Valter Bracht, percebeu-se os limites disso, uma vez que somos uma área do saber que tem no campo de intervenção uma projeção, inclusive anterior à própria ideia. Essa reflexão epistemológica traz uma marca muito forte no campo de intervenção, então não seria uma questão de acreditar que nossa identidade se resumisse ao universo da ciência.

Por isso, há até um texto que escrevi, no qual coloquei essa ideia de que, à medida que a Educação Física fosse aceita pela SBPC ou por um órgão vinculado à ciência, como se isso tivesse resolvido. Logo acabou gerando disputas internas, esse debate interno bastante prolífico nos anos 80, de um grupo que acreditava que a aproximação com a ciência resolveria o problema, ao passo que outros apostavam que não, que a ciência era bem-vinda como uma porta, mas que a identidade da Educação Física estava muito mais vinculada ao campo de intervenção.

Acabei inserindo outro elemento no debate, que é a ideia de que temos que discutir o caráter da ciência. O que estamos entendendo por ciência? Isso apareceu como temática que abriu outras possibilidades de enfrentamento do tema, que não se tratava de tomar como modelo a ciência clássica e querer produzir um gabarito de ciência para nos adequarmos inteiramente a isso. Para fazer isso, teríamos que abandonar algumas outras características da Educação Física ou considerá-

las como não científicas. Então a síntese seria isso: um entusiasmo inicial próprio da modernidade, um otimismo em relação à científicidade, e depois acabou ganhando volume a ideia de sustentar que não poderia ser tão simples assim resolver o problema de identidade com a aproximação da ciência.

Entrevistador: O professor colocou, por exemplo, a questão de que talvez tenha sido o responsável por introduzir a análise da compreensão do que é ciência: qual ciência estamos falando? E naquele momento ter introduzido essa questão foi muito pertinente. No contexto atual, com essa nova perspectiva de ciência, sem aquela ideia de científicidade, aquele scientificismo, acredita a Educação Física está mais perto da ciência do que em contextos anteriores ou continua na mesma lógica de antes?

Paulo Fensterseifer: Brinco que quando me chamavam para falar de epistemologia, começava falando mal da epistemologia, que vinculava à ideia de uma ciência clássica e uma epistemologia clássica. Me colocava contra essa ideia, chamando atenção para o fato de que não podemos ficar prisioneiros desses *scripts* prévios. Devíamos respeitar ou tratar com mais zelo a característica específica do nosso campo. Isso demandava flertes com outros campos, como o da Arte, da Filosofia, com aspectos valorativos, estéticos.

Veja que estou fazendo aqui uma aproximação com o que era meu projeto de dissertação no campo da filosofia da psicanálise, que era estudar o modo como a psicanálise foi construindo seu objeto. Freud, que era médico, quando se coloca em busca da científicidade – seu sonho era dar caráter científico à psicanálise – fez o caminho pelo biologicismo, por uma ideia de ciência natural, um dos moldes das ciências, e a natureza do próprio objeto fez com que percebesse que não era por ali.

Isso é muito interessante para pensarmos que a Educação Física também pode se inspirar nessa ideia: pela especificidade do campo, temos que construir um modo de produção de científicidade e um conceito bem alargado de que científicidade não é scientificismo, que permitisse reconhecer a produção de um conhecimento que não se balizasse pelos modos clássicos de produção da ciência.

Nisso foi muito boa minha aproximação com a leitura de Habermas. No meu doutorado, ele foi basicamente o autor referência, embora tenha usado muitos autores. O campo da discussão habermasiana é de uma razão intersubjetiva, de uma razão comunicativa. Nossa curso aqui, nossa pós-graduação em Educação nas Ciências, tem na figura do professor Mario Osorio Marques uma figura central, um pai fundador da nossa instituição. Desde o início, tivemos que entrar com recurso na CAPES, porque ela não entendia nossa proposta: mestrado em Educação nas Ciências? O que é isso? Educação nas Ciências é um pressuposto que podia abranger direito, odontologia, Filosofia, psicanálise. Não pedíamos uma "carteirinha" de "vocês são ciência ou não são ciência".

O que se colocava como científicidade era um conhecimento validado entre pares, intersubjetivamente. Se a razão é comunicativa, significa que o estatuto de científicidade se dá por essa relação com os pares, testar conhecimentos, argumentos frente a uma comunidade do saber. Isso dá um novo caráter à científicidade. Não há um script prévio; é um movimento de produzir conhecimento. Se uma dissertação se sustenta argumentativamente e contribui para o avanço do entendimento da área, isso era científicidade, vinculada a uma racionalidade comunicativa.

Entrevistador: Nesse contexto, tendo essa questão de científicidade colocada por ti, e não aquela lógica de nos vincularmos ao estatuto científico, o movimento de nos tornarmos uma ciência - que inclusive produziu vários nomes: cinesiologia, ciência da motricidade etc. -, sem essa necessidade e com essa nova perspectiva de ciência que temos na sociedade hodierna, o senhor acha que a Educação Física poderia ser a sua própria ciência?

Paulo Fensterseifer: Não acho que devamos tensionar por essa ideia de "ser ciência", mas de "produzir ciência". Portanto, é mais do que a ideia de uma identidade fixa do que é ciência, porque senão estariam devolvendo a questão. Só mudamos o entendimento, mas acabamos tendo que nos vincular a um modelo novamente. Por isso prefiro a ideia de produção científica, assim como prefiro o conceito de razoabilidade no lugar de racionalidade.

A ideia é essa capacidade de produzir conhecimento acerca de aspectos da realidade, mas que tenha como fator único a relevância e a capacidade de produção e objetividade entre pares - essa ideia que vem da hermenêutica também, de uma objetividade intersubjetiva. Acho que essa é a ideia fundamental.

Só para pegar meu percurso teórico: desenvolvi minha argumentação na tese basicamente pelo campo da filosofia crítica de Habermas, já com o giro linguístico, e depois fui estudar mais o campo da hermenêutica com Gadamer e Heidegger, dois autores fortes na minha formação após o doutorado.

Entrevistador: Já que o professor tocou na questão dos giros linguísticos, qual seria seu ponto de vista e sua avaliação sobre os embates dicotômicos travados no campo da Educação Física brasileira entre os grupos que defendem os giros linguísticos e os grupos que defendem o resgate da ontologia realista?

Paulo Fensterseifer: Acho que a hermenêutica, principalmente de caráter gadameriano, não se enquadra numa crítica que normalmente é feita ao giro linguístico, que seria o relativismo. Nesse sentido, seria desonesto com Gadamer ou com a hermenêutica chamá-la de relativista. No fundo, é outro modo de produção de objetividade, que torna as próprias pretensões da científicidade mais modestas.

Por isso, na apresentação do Dicionário Crítico da Educação Física, colocamos essa ideia de como aproximar teoria crítica e hermenêutica. Sempre dizia, quando discutíamos paradigmas do conhecimento e colocávamos a perspectiva habermasiana ou do giro linguístico - o fim da polarização sujeito-objeto, colocando só na relação com os sujeitos, reconhecendo o problema da objetividade -: "Mas onde está o objeto?"

A ação dos sujeitos tem que ser tensionada pelo objeto. Nisso, a perspectiva ontológica tem razão; não dá para abandonar essa perspectiva (senão caímos na pós-verdade e tudo que dela decorre). A única questão é que, a partir do giro linguístico, se vamos falar numa ontologia, seria uma ontologia que se desse também na linguagem, que não pode abdicar da linguagem. Não posso invocar um real que não seja pela linguagem, do ponto de vista da construção de uma argumentação, de uma justificação social. Preciso desse tensionamento, mas preciso levar além da linguagem.

Fico nesse campo de tensionamento. Acho difícil a ideia de ter um real como um balizador que independe da linguagem, ou que a linguagem seja apenas um epifenômeno do real. Isso não consigo entender.

Entrevistador: Então, em síntese, o giro linguístico da hermenêutica não faz uma reivindicação no sentido de não existir uma ontologia, só não admite que existe uma ontologia sem vinculação com a linguagem, é isso?

Paulo Fensterseifer: Perfeito, fez uma boa síntese. É a ideia de que os problemas humanos se dão na mediação da linguagem. Qualquer referência ao real - que tem que existir - precisa da linguagem. O objeto não se diz; ele tem que ser dito. Se pudéssemos falar, seria uma ontologia sustentada linguisticamente.

Só para fazer um gancho: sempre comento uma entrevista com Gadamer no livro "Nas Trilhas de Hans-Georg Gadamer", em que ele diz: "Eu nunca disse que tudo é linguagem". É muito esclarecedor, porque às vezes a crítica é: "Então tudo é linguagem?" Não, não disse que tudo é linguagem, mas que esse real, para se configurar como parte do mundo humano, se dá como linguagem.

Entrevistador: Certo, agora ficou mais compreensível. As críticas dão a entender que o giro linguístico defende apenas essa vinculação com a linguagem, como se não houvesse realidade, ontologia. Continuando: a que ponto o senhor acha que esse debate dicotômico faz o campo avançar? Como avalia esse debate? Ele traz algum benefício para o campo?

Paulo Fensterseifer: Sempre acho saudável que haja debate. O que lamento é o que acaba acontecendo muitas vezes - e vivenciei isso no CONBRACE. Ultimamente tenho visto menos debates e mais grupos se dividindo. As pessoas se pouparam do debate, não conversando com quem

pensa diferente. Acaba ficando um grupo apresentando seus trabalhos, sem um debate de estranhamento da área. Já foi bem mais rico esse diálogo.

Isso que você trouxe é importante: num determinado momento, eu, Valter e outros pensamos: "O que isso tem produzido efetivamente?" Vemos os limites disso. Enquanto a discussão se mantém exclusivamente no ponto de vista epistemológico, com pretensões ontológicas, pouco diz da efetividade. Sinto falta de desdobramentos que promovam a aproximação dessa dimensão epistemológica com o campo de intervenção. Isso enriqueceria os argumentos dos dois lados.

É lamentável quando vejo estudos que mostram que mais de 90% das dissertações e teses são bibliográficas, sem vínculo com o campo de intervenção. Como diz um amigo: "Ficam fazendo estudo bíblico". Não pode ficar nisso. Minha grande inspiração é o professor Valter, exemplo de alguém que se preocupa profundamente com questões filosóficas, epistemológicas, mas que nunca perdeu o pé nas preocupações da Educação Física escolar, assim como o professor Elenor Kunz. Tenho essa pegada; ao menos me esforço. Minhas produções estão sempre nessas duas dimensões.

Entrevistador: Como o senhor avalia o atual cenário epistemológico do campo da Educação Física?

Paulo Fensterseifer: Acho que, talvez por um certo cansaço de disputar hegemonia e pela presença de mais possibilidades de formação em campos diversos, criou-se uma pluralidade de possibilidades dentro da Educação Física. É um sintoma do pós-modernismo, dessa fragmentação que não tem mais a preocupação de um lugar acolhedor como um ponto de vista comum.

Isso tem um lado positivo, porque enriqueceu muito com uma pauta plural, mas, por outro lado, para o campo da Educação Física escolar, vejo como problema. Se não conseguirmos articular uma certa unidade - por exemplo, se o MEC pedisse à CBCE propor um currículo de Educação Física nas bases nacionais, acharia difícil conseguirmos propor algo coerente. Não é à toa que esses grupos, fundações acabam dando conta disso, porque não nos entendemos suficientemente para pensar um projeto comum, mantendo a diversidade, mas com unidade.

O professor Fernando¹ e eu, e agora mais gente, temos pensado nisso: a ideia de uma escola democrática republicana, articulando uma proposta que carregue essas potencialidades da diversidade. A fragmentação é positiva porque aumenta os elementos, mas corre o risco de se perder no próprio fragmento.

Pense nos seus professores da graduação: o que fizeram em mestrado, doutorado, e como isso impactou as disciplinas que deram. Cada um com um discurso. Agora, pense nesses professores sentando para pensar uma proposta unificada. Sempre lembro de um aluno que passou pela nossa

¹ Fernando Jaime González (nota de editor).

sala de reuniões e pensou: "O que aqueles professores conseguem conversar entre eles, se cada um na aula tem um discurso?"

A unificação no curso fica difícil. Se os professores não conseguem, uma comunidade científica não consegue. O aluno, quando vai para a escola, terá que juntar tudo isso. Como juntar tudo que aprendeu num projeto de Educação Física escolar? O sujeito estuda corpo, acha que o corpo é um guarda-chuva que cabe tudo; estuda gênero, acha que gênero é um guarda-chuva que cabe tudo; estuda história, jogo... Esse é o problema da fragmentação.

Entrevistador: Qual o seu ponto de vista sobre a pluralidade no campo da Educação Física brasileira? Acho que o senhor já tocou um pouco, se quiser falar um pouco mais.

Paulo Fensterseifer: Podemos entender a pluralidade em várias perspectivas. Falei mais das pluralidades temáticas que a própria evolução da pós-graduação gerou. É normal isso em vários campos - o sujeito da filosofia que estuda lógica e não quer saber de política. Isso aconteceu porque, há algum tempo, não tínhamos mestrados e doutorados com tantas diversidades e possibilidades de estudo. Isso é um avanço do ponto de vista da profundidade.

Essa pluralidade é positiva no sentido dos aprofundamentos em diferentes campos, mas corre o risco de não ter uma volta: "O que faço com isso?" Por vezes, o professor vai para a pós-graduação, abre uma linha de pesquisa que dá continuidade ao que fazia, mas como isso volta para uma ideia de unidade da área? De uma perspectiva comum? Isso é muito difícil.

É preciso entender que "pôr-se de acordo" não apaga os sujeitos. O problema é quando fazem carreiras solo e levam um grupo junto. Um dia vão achar algum concurso que cobra aquilo, usam como passaporte de entrada, e depois continuam fazendo o que faziam nos estudos. Uso uma expressão: nós pesquisadores nos gostamos demais, achamos que nossas preocupações são o umbigo do mundo. Não nos dobramos às demandas.

Hoje, conversando com professores de universidades federais, perguntei: "O que é um coordenador de curso hoje? Como lida com essa pluralidade?" Acaba virando burocrata, gerencia questões administrativas porque os professores não conseguem mais conversar. Não há pontos comuns entre o fisiologista e o recreador. Enfim, somos pouco republicanos.

Entrevistador: Acho que era isso que os professores Pedro Hallal e Vítor Marinho destacavam - precisamos encontrar novamente uma unidade de diálogo. O campo cresce, como diz o título do artigo deles, mas ao mesmo tempo se fragmenta pela falta de diálogo. Há profissionais de Educação Física que parecem nem ser da mesma área, nem mobilizar o mesmo objeto.

Paulo Fensterseifer: E nem fazem questão de se reconhecer como tal. Participam de congressos de história, epidemiologia, mas a Educação Física fica terceirizada. Voltando ao tema da

pluralidade: há também a pluralidade política, que vejo como salutar desde que se mantenha no diálogo, com disposição para conversar entre diferentes posições.

Outra questão é levar a sério as regras do campo no qual intervimos. É uma perspectiva republicana - governo das leis. Formamos o profissional de Educação Física para quê? Para atuar numa escola pública com regramentos, LDB, PPP, programa da disciplina etc. Nossa geração pecou nisso. Minha experiência é dupla: na Educação Física e na filosofia. Nesta última, os professores estavam preocupados com seus campos específicos, ninguém queria saber da escola.

A pluralidade política é positiva, mas precisa reconhecer que há uma constituição, uma determinação dos lugares. O que você construiu epistemologicamente na formação tem, em última instância, o reconhecimento político - a licença da república para atuar em nome da instituição escola. Falta-nos essa ideia.

Por isso eu e o Fernando sempre dizíamos: não era possível um professor de Educação Física na Unijuí se formar sem conhecer os PCNs. Não sei se você teve contato com os PCNs ou a BNCC na sua formação. Há muitas críticas a esses documentos de quem nunca os leu com rigor. Esse é um problema sério - a pluralidade vira desastre quando cada um faz carreira solo, cria sua própria escola.

Entrevistador: Nos últimos anos, observa-se no campo um movimento de "atividade epistemológica" (usando seu termo) que busca analisar limites e possibilidades das teorias mobilizadas na Educação Física brasileira. Como avalia esse movimento?

Paulo Fensterseifer: Quero deixar claro: embora eu tenha dado destaque ao termo "atividade epistemológica", não fui eu que o criei. O professor Valter o utilizou, mas de passagem. Eu me detive nesta ideia para contrapor à epistemologia clássica. Minha abordagem sempre parte da epistemologia como molde, mas encaminha para a atividade epistemológica, que é mais a posteriori que a priori - embora tradições constituídas acabem tendo também um caráter a priori.

Sobre o movimento que menciona: até meados dos anos 2000, o campo se deteve em debates políticos e ideológicos. Como mostra Bungenstab (2020), a partir de 2010 surgiu um movimento que secundariza isso para focar em analisar limites e possibilidades dos autores e teorias usadas no campo. Considero isso positivo.

O movimento anterior tinha forte preocupação em enquadrar, produzir taxonomias. Isso é complicado - há tantas classificações quanto classificadores. Lembro da classificação pobre: materialismo histórico, positivismo, e fenomenologia/hermenêutica como "saco de gato" para o que não se enquadrava. Um empobrecimento brutal.

Sempre questionávamos: que entendimento de positivismo se tinha? Pesquisa quantitativa era logo enquadrada como positivista. Uma palestra do professor Marcos Rolim aqui na Unijuí me

marcou: ele mostrou como falta à educação pesquisas quantitativas de qualidade, fundamentais para políticas públicas. É terrível esse desprezo, como se fosse algo menor.

A abordagem pela potencialidade dos autores é mais rica. Veja a fenomenologia de Merleau-Ponty: quanta coisa bonita se fez na Educação Física com esse referencial, como na obra do Kunz. A dimensão da experiência, da estética, serve como aporte para tratar aspectos dos conteúdos. A estética é a "prima pobre" da Educação Física - merece ser considerada como aspecto relevante, sem extremismos.

Corremos o risco de superdimensionar a dimensão cognitiva/conceitual - importante, mas não esgota a área. Escrevemos um texto sobre como processos avaliativos são indutores: se avaliam só o conceitual, as fichas são carregadas para lá. Isso empobrece a área. O desafio é tensionar esses aportes a partir de quê? Tenho tentado balizar pela ideia da escola, mas também outros espaços, sempre com uma visão da condição humana não instrumentalizada pelo mercado.

Entrevistador: Poderia comentar sobre sua análise da educação/formação científica do campo?

Paulo Fensterseifer: Comparo nossa formação com a da Argentina, pela proximidade e vínculos na REIIPF (Red Internacional de Investigación Pedagógica en Educación Física Escolar). Eles têm solidez de formação disparadamente melhor - falam com mais propriedade. Um orientando meu, fisiologista, me fez reforçar a importância de não descuidar dos conhecimentos de base anatomo-fisiológica. Algo pode ser insuficiente, mas não desnecessário.

Na graduação, estudei muito treinamento esportivo, fisiologia, biomecânica - sempre me foi útil. Preocupa-me o desprezo por tudo, como se nada fosse importante, ficando na superficialidade. Outro risco é descartar possibilidades por acreditar já ter "a" alternativa correta.

Desenvolvi um texto entre dogmatismo e relativismo. Faço um esquema: doxa (relativismo/opinião) e dogma (discurso religioso) nos extremos, e episteme (objetividade) no meio. Objetividade não implica absolutidade, então objetividade é aquilo de melhor que nós fizemos, melhor no sentido de validação entre pares de uma comunidade científica. O conhecimento objetivo é histórico - daí o conceito rico de historicidade. Na hermenêutica: verdades humanas "têm endereço e fazem aniversário". Gadamer não queria destituir os métodos, mas lembrar que são com "m" minúsculo.

Acho que há uma questão importante na forma como se dá a recepção de certos autores. Às vezes, por algo que escreveram, logo surge uma tendência de absolutizar suas ideias, transformando-as em referência incontestável. Eu sempre me lembro do Carlos Ginzburg, com a proposta da micro-história, no livro *O Queijo e os Vermes*. Depois de publicar a obra, em uma entrevista, ele foi questionado sobre isso e respondeu algo muito significativo: "*Eu nunca disse que*

só se pode fazer micro-história; ela é uma possibilidade, mas a macro-história continua tendo seu valor.” Essa resposta chegou a decepcionar alguns dos que se consideravam seus discípulos. Parece que muitas pessoas preferem contundência, impacto, frases de efeito. Lembro que aprendi algo valioso com Jorge Larrosa, quando esteve em Ijuí: ele disse que “*ideias com arestas, ideias pretas no branco, são boas para pensar, mas não para serem seguidas*”.

Entrevistador: Teria mais alguma questão que gostaria de abordar livremente?

Paulo Fensterseifer: Destacaria a relação entre reflexões epistemológicas e implicações no campo da intervenção. Mostro aos alunos como compreensões epistemológicas influenciam a prática. Por exemplo: se na formação o contato com literatura sobre práticas corporais for só das ciências naturais, terá apenas uma lente sobre um conteúdo multifacetado.

Isso impacta a intervenção. O esforço da epistemologia seria mostrar o quanto essa reflexão epistemológica ou atividade epistemológica é importante para que o diálogo ou o campo de intervenção seja mais coerente para os teus propósitos e seja mais rico, para que possa ampliar a possibilidade de tratamento dos próprios temas. Na minha prática pedagógica, mostro que esse debate tem consequências: pensar o conhecimento que nos forma abre possibilidades. Não pode ser só contemplação. É preciso conectar conhecimentos com o mundo da vida.

Isso é algo que já vem da escola: a dificuldade de conectar o sentido dos conhecimentos ao mundo da vida. Fiquei pensando o quanto seria potente fazermos uma leitura a contrapelo disso — pensar práticas, tensioná-las, escová-las a contrapelo, evidenciando que há compreensões epistemológicas subjacentes a essas práticas. Esse movimento seria muito interessante, um esforço desejável. Mas, para isso, é preciso que o sujeito tenha passado por esse processo de compreensão. E aí, penso que conhecer os autores, compreender diferentes formas de pensamento e os modos como se articulam com a prática pode ser um caminho muito frutífero

Entrevistador: Professor, agradeço sua disposição e o diálogo rico. É uma honra ouvi-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo dessa entrevista, sem sombra para qualquer dúvida, é imbuído de riqueza teórico-epistemológica. Não só porque representa uma síntese do panorama epistemológico da Educação Física brasileira, mas, sobretudo, por expressar o pensamento de um autor que sempre contribuiu sobejamente para a ampliação da reflexividade da atividade epistemológica da área, a partir da sua vasta produção científica.

Se, por volta da década de 1980, o campo da Educação Física brasileira ansiava pela edificação do seu estatuto científico a partir de um olhar deslumbrado com a racionalidade científica, Paulo Fensterseifer foi fundamental para contrapor esse fascínio scientificista. Reconhecendo a crise da modernidade, que vinha tendo suas bases da racionalidade científica (certezas, ordem, equilíbrio, universalidade, objetividade, neutralidade, coerência, exatidão *etc.*) severamente abaladas, ele evidenciou a necessidade de se pensar a área para além dos preceitos da racionalidade instrumental.

Neste cenário, Fensterseifer provocou a primordialidade de refletir e tensionar a compreensão do que a área vinha admitindo como ciência. Isso gerou ao menos dois desdobramentos: 1) contribuiu para solapar as teses científicas que vigoram no campo; 2) suscitou a compreensão de que a questão não era ser ou não ciência, e sim a maneira pela qual a área vinha produzindo sua própria científicidade (que difere de scientificismo).

Ademais, o pensamento de Paulo Fensterseifer teve/tem grande influência no reconhecimento da pluralidade da área. Ancorado em uma concepção republicana, sem uma fixação pelo imperativo das verdades ou pela razão com R maiúsculo, suas produções nobilitam a diversidade social, cultural, de pensamentos, teorias, saberes, práticas, ideologias. Contudo, sua disposição plural é dotada de razoabilidade e objetividade, não se vinculando a uma perspectiva de extremo relativismo. Como bem pontuando por ele: ““[...] embora a razão deva purgar-se de suas pretensões imperialistas, não deve, no entanto, abandonar sua pretensão de unidade, à qual será alcançada agora, no esforço comunicativo (intersubjetivo) [...]” (Fensterseifer, 1999, p. 9).

Afora esses aportes, outro aspecto significativo do pensamento de Paulo Fensterseifer para a Educação Física brasileira diz respeito à defesa da indissociabilidade entre a reflexão epistemológica e a prática pedagógica. Para o autor, o elo entre ambas constitui um elemento fundamental para a consolidação de um campo de intervenção mais qualificado, crítico e reflexivo. A atividade epistemológica, não deve se restringir à contemplação teórica; isso porque quando desvinculada da prática pedagógica, corre o risco de se tornar uma mera abstração metafísica. Por outro lado, uma prática pedagógica desprovida de reflexão epistemológica tende a se constituir de forma acrítica e esvaziada de sentido.

Portanto, nesta entrevista, Paulo Fensterseifer tece ponderações assaz significativas acerca dos fundamentos epistemológicos da Educação Física brasileira. Furtando-se de concepções absolutistas, monolíticas, dualistas e maniqueístas, seu pensamento revela-se cimentado e comprometido com uma perspectiva plural, crítica e hermenêutica. Longe de propor verdades imutáveis (*dogmas* ou *doxas*), ele aposta em uma razoabilidade científica que se estrutura alicerçada pela historicidade, intersubjetividade, razão comunicativa e disposição dialógica. Com isso,

contribui para o fortalecimento de uma atividade epistemológica mais sensível à complexidade e à abundância que caracterizam o campo da Educação Física. .

REFERÊNCIAS

FENSTEISEFER, Paulo Evaldo. **A Educação Física na crise da modernidade.** Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 1999.

GARCIA, Silas Alberto. **Epistemologia da Educação Física brasileira: uma (re)leitura a partir de Paul Feyerabend.** Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, 2023.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Com distinta estima, manifesto minha sincera gratidão ao professor Paulo Evaldo Fensterseifer, que generosamente aceitou conceder a entrevista, partilhando conosco suas experiências e sapiência.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Trabalho aprovado pelo Comitê de ética da Universidade Federal de Goiás (Parecer Consustanciado do CEP nº 4.898.746) em 11 de agosto de 2021.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou

como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Giovani De Lorenzi Pires

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 07.07.2025

Aprovado em: 25.08.2025